

BIOPOLÍTICA, RACISMO E NEGRIDADE – LER MICHEL FOUCAULT EM CHAVE RADICALMENTE ANTIRRACISTA¹

JORGE VASCONCELLOS¹  

¹ Coletivo 28 de Maio²/Universidade Federal Fluminense (UFF). Niterói, RJ, Brasil.

RESUMO

Este artigo se propõe a ler a biopolítica de Michel Foucault em chave antirracista.

Palavras-chave: Foucault; Biopolítica; Antirracismo.

BIOPOLITICS, RACISM AND BLACKNESS – READING MICHEL FOUCAULT IN A RADICALLY ANTI-RACIST KEY

ABSTRACT

This article proposes to read Michel Foucault's biopolitics in an anti-racist key.

Keyword: Foucault, Biopolitics, Anti-racism.

BIOPOLÍTICA, RACISMO Y NEGRITUD – LER A MICHEL FOUCAULT EN CLAVE RADICALMENTE ANTIRRACISTA

RESUMEN

Este artículo propone leer la biopolítica de Michel Foucault en clave antirracista.

Palabras clave: Foucault; Biopolítica; Anti racismo.

Correspondência:

Jorge Vasconcellos
jorgevasconcellos@id.uff.br

Submetido em:

16/01/2023

Aceito em:

11/04/2023

Como citar:

Vasconcellos, J. (2023). Biopolítica, racismo e negritude – Ler Michel Foucault em chave radicalmente antirracista. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 75spe, e0010. <http://doi.org/10.36482/1809-5267.ARBP-2022v75spe.0010>



¹ Este artigo, "Biopolítica, racismo e negritude – ler Michel Foucault em chave radicalmente antirracista", é a transcrição de minha Intervenção ao IV Colóquio Internacional Michel Foucault – a judicialização da vida. Evento *on-line*, realizado em novembro de 2021.

² Coletivo de ações e práticas estético-políticas, constituído pelxs professorxs doutorxs Jorge Vasconcellos/Departamento de Artes e Estudos Culturais-Universidade Federal Fluminense (UFF) e Mariana Pimentel/ Departamento de Teoria e História da Arte-Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Ambos são professorxs, pesquisadorxs e orientadorxs no Programa de Pós-graduação em Estudos Contemporâneos das Artes (PPGCA) da UFF. Lideram o Grupo do Diretório de Pesquisa – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) *práticas estético-políticas na arte contemporânea*, certificado pela UFF. Jorge e Mariana vivem e atuam na cidade do Rio de Janeiro. Denominam-se teóricxs-ativsts.

Acho importante me apresentar: meu nome é Jorge Vasconcellos, professor e pesquisador da Universidade Federal Fluminense (UFF) de Niterói-RJ, Brasil. Sou um homem heterocis, negro-indígena, neto de indígena Xavante aldeado, por parte de Pai (seu Geraldo) e descendente de negros escravizados por parte de Mãe (Dona Neusa). Sou casado com Mariana Pimentel, professora, pesquisadora e teórica da arte na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj). Tenho três filhas – Andy, Joaquim e Zoé.

Essa apresentação se faz necessária, justamente, porque entendo que devemos antes de falar algo, devemos mostrar a trajetória de quem fala. A ideia/sentido de trajetória foi uma conquista e vitória não apenas teórica, enquanto um conceito ou noção, mas, antes de tudo, uma vitória e conquista pessoal e coletiva do Povo Preto (negro-indígena)³.

Queria falar um pouco da minha trajetória. Eu sou alguém que é graduado em filosofia pelo Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), naquele já distante início dos anos 1980. Lugar esse no qual, na verdade, praticamente não havia pessoas negras, nenhuma indígena. Fiz a graduação também em cinema na UFF e cursei Ciências Sociais nesta mesma Universidade. Praticamente todo meu percurso acadêmico foi na filosofia universitária, especialmente em sua relação com as artes: cinema, teatro, artes visuais e mais atualmente as práticas e ações performáticas. Recentemente eu fiz um estágio de pós-doutorado em artes visuais no Instituto de Artes da Uerj. Eu sou Professor Associado no Departamento de Artes e Estudos Culturais. E acabei de deixar de ser Coordenador do Programa de Pós-graduação em Estudos Contemporâneos das Artes, deixando esse cargo que seria de quatro anos após dois anos e nove meses de atuação.

Minha intervenção, que tem como título "biopolítica, racismo e negridade – ler Michel Foucault em chave radicalmente antirracista", não poderia se iniciar sem os

³Para pensar a ideia de "trajetória", veja Antônio Nêgo Bispo (2019). Ver também em relação à "trajetória", Bourdieu (2006).

agradecimentos às professoras Estela Scheinvar e Kátia Aguiar a quem sou deveras grato pelo convite e, especialmente, eu gostaria de agradecer sobremaneira a oportunidade do reencontro com o professor e filósofo Guilherme Castelo Branco (2020). Ressalto que, a propósito da preparação desta intervenção, tive o prazer e a alegria de ler um interessante e arguto trabalho de pensamento do Guilherme sobre Foucault. Texto com o qual pretendo conversar transversalmente aqui.

Entretanto, admito que muito hesitei em aceitar o convite à participação neste seminário. Isso por dois motivos: o primeiro deles porque não mais me sinto um pesquisador *stricto sensu* da área de filosofia como já o fui, especialmente da chamada “filosofia francesa contemporânea”, privilegiadamente, dos autores que pesquisei por mais de 20 anos e a quem consagrei alguns livros e muitos artigos, como Gilles Deleuze (1992) e Félix Guattari (1985), Henri Bergson, Michel Foucault (1982) e Paul Virilio. Em segundo lugar, porque modifiquei muito minha performance acadêmica, saindo daquilo que chamo da “tirania do texto escrito”, das conferências e comunicações aos congressos, colóquios e seminários, para uma inflexão oral que me permite mais liberdade de pensamento e *insights*, por vezes inusitados, procurando criar com este procedimento uma atmosfera de “roda de conversa”, mais horizontal e afetiva, que dificilmente se dá em encontros acadêmicos. Sei que esse *modus operandi* foge em muito a um certo protocolo universitário, mas é desse modo e somente desse modo que hoje consigo participar de eventos acadêmicos. E mais, quando digo que me afastei da filosofia, faço minhas as palavras de Gilles Deleuze (1992): “é preciso se afastar da filosofia para a ela voltar”.

Dito isso, vamos ao nosso tema. A temática da biopolítica e suas relações com as formas de governamentalidade nas sociedades contemporâneas, além das noções então desenvolvidas pelo filósofo francês de Governo, Segurança, Território, População e suas relações com o deslocamento do poder soberano, disciplinar e de controle, como é sabido, marcam a passagem da chamada segunda fase/momento do pensamento de Foucault (Analítica do Poder) ao seu terceiro eixo derradeiro de criação e atuação política (Estética da Existência). Contudo, destaco um texto, mais precisamente uma conversa entre Michel Foucault e Gilles Deleuze em 2 de março de 1972, “Os intelectuais e o poder” (Foucault, 1982) que é decisivo acerca do que pretendo aqui falar. Este texto, que me foi apresentado no início da faculdade de filosofia por um professor que viria ser fundamental

em minha formação de então, Ivair Coelho⁴, é axial para pensar as relações entre saber e poder. "Os intelectuais e o poder" mostrou-me que minha própria trajetória⁵ de militante precisava ser repensada. E não somente ela, mas, também, minha posição referente ao que é ser um intelectual brasileiro, negro (e indígena), ex-morador de Favela, vivendo em um país da periferia do capitalismo, ao Sul. O que significava ser um filósofo (à época me assim considerava) naquele momento da Sociedade Brasileira, após os eventos de 1968, a Anistia, o fim (*sic*) da Ditadura Militar? A questão que àquele momento se colocava, e que seria depois reverberada pelos estupendos textos de Guattari⁶, era das relações entre "militância" e "ativismo", entre "o papel do intelectual" e a "vida pública".

Àquele momento político, em que fui tocado pela conversa entre Foucault e Deleuze, eu ainda era o que poderíamos chamar de "marxista heterodoxo". Lia Marx e Sartre, não mais militava no Partido dos Trabalhadores, mas ainda lhe era simpatizante. Achava que, talvez, a ideia de vanguarda revolucionária não mais servia de bússola à ação política, contudo, não sabia bem o que "colocar em seu lugar". A admiração por Sartre e seu enorme tamanho como intelectual público que tanto afetou a geração que me precedeu ainda era bem grande, o que não renego até hoje: Sartre continua enorme. Não obstante, me pareceu que outros ventos precisavam soprar às formas de militância política. Então este, este texto que alvissareiramente é uma conversação, profundamente, como já aqui o afirmei, me tocou.

O texto (conversação) inicia-se como uma provocação de um maoísta, cito: "Michel Foucault – Um maoísta me dizia: 'Eu compreendo porque Sartre está conosco, porque e em que sentido ele faz política; você, eu compreendo um pouco: você sempre colocou o problema da reclusão. Mas Deleuze, realmente eu não compreendo'" (Foucault, 1982, p. 69). Foucault continua em seguida, afirmando que a observação de seu interlocutor maoísta muito o surpreendeu, haja vista que sempre lhe pareceu evidente a correlação entre

⁴ Além de Ivair Coelho e seu curso na graduação de filosofia, "História das Diferenças, destaco também o professor Roberto Machado, cujas aulas sobre Deleuze me foram fundamentais. Assim, Ivair, Guilherme e Roberto, infelizmente já falecido, foram os Mestres que me iniciaram e comigo dialogaram, acerca da filosofia francesa contemporânea.

⁵ Novamente aqui a ideia-força de "trajetória". Ver Nota 3.

⁶ Cito três textos de Félix Guattari que foram fundamentais para eu pensar essas relações entre os intelectuais e o poder e sua participação na vida pública: 1. *Félix Guattari entrevista Lula*. São Paulo: Brasiliense, 1982; 2. *Revolução Molecular: pulsações políticas do desejo*. São Paulo: Brasiliense, 2ª ed., 1985; 3. *As três ecologias*. Campinas, SP: Papyrus, 1990.

o pensamento teórico e a prática política, digamos, a inexorável eficácia da práxis-teórica deleuziana.

Todo o texto (conversação) será o desenvolvimento de uma designação, de uma nova postura, procedimentos novos de atuação, o nascimento de uma noção do que seria, àquele momento, ser um intelectual. Não se trava mais da então "hipervalorização" do que poderia ser denominado de "intelectual-luz", ou mesmo, de "intelectual universal". Daquele escritor (muitas vezes se tratava de um escritor) que personificava uma certa opinião pública supostamente sensata e que clamava por justiça. Em França, no final do século XIX, temos o célebre caso Dreyfus, no qual Émile Zola pratica o *J'Accuse...!* ou, ainda, Sartre em sua veemente defesa de Jean Genet que resulta no perdão presidencial ao escritor e dramaturgo. O que Foucault (1982) em sua conversa com Deleuze enuncia é um novo tipo de intelectual que não mais fala pelo outro, que não mais comete a indignidade de falar em nome de alguém, mas de falar em nome próprio, alinhando-se às lutas específicas das quais ele/eles participa(m), ativamente. Logo, não há como separar a teoria da prática, trata-se de uma prática-teórica ou de uma teoria-prática, *uma práxis de pensamento*, ousou aqui nomear. Este é o "intelectual específico", que não é exatamente o que Antonio Gramsci (1982) chamou de "intelectual orgânico", apesar de haver algumas afinidades com a concepção do pensador italiano. O intelectual específico é um homem/uma mulher de ação, um sujeito que age por uma causa, ações que incidem em um grupo de afinidades e de lutas, um sujeito de ação. Foucault não apenas escreveu alguns dos livros mais influentes aos saberes psicológicos e às ciências jurídicas de nosso tempo, como foram respectivamente os casos do *História da Loucura* e do *Vigiar e Punir*⁷. Foucault foi "militante" da luta contra os manicômios e criou o Grupo de Informação sobre as Prisões, o GIP. Tratava-se de a um só tempo... pensar e agir. Ou, como disse Deleuze em seu diálogo com Foucault no texto aqui citado: "Uma teoria é como uma caixa de ferramentas" (Foucault, 1982, p. 71). Este é o intelectual específico foucaultiano que tanto me encantou ao ler "Os intelectuais e o poder".

Esta concepção de intelectual, proposta por Foucault, me marcará profundamente. Creio que me ajudou decisivamente a nortear certo deslocamento político que faria do marxismo para o autonomismo libertário. Mas, não só. Fez com que também eu repensasse o sentido do

⁷ *Histoire de la Folie à l'âge classique*. Paris: Gallimard, 1961; e *Surveiller et Punir: Naissance de la prison*. Paris: Gallimard, 1975.

que seria militar. Agora não mais ser um militante, mas, isto sim, um ativista. Tratava-se de propor, talvez, uma nova categoria de intelectual. Não mais a especificidade de uma luta que lhe seja sua, mas isso, sem abdicar da vocalização de sua pauta em próprio nome. Propusemos, no bojo do *Coletivo 28 de Maio/C28M*⁸, a ideia de “intelectual radical” ou de “teórico-ativista”. Tratava-se de acolher certas lutas minoritárias as quais somos devedores em termos de posição, de agência, de *philia* e de fenótipo racializado, de orientação sexual e acerca da questão de gênero em mundo branco-heterociscentrado. Trata-se agora, em nosso tempo presente, de pensar/agir interseccionalmente, articulando raça, classe, gênero... agindo em grupelhos (Guattari, 1985, p. 12-19) (à moda de Félix Guattari) e em bandos (deleuzianamente falando), conjugando contracolonialmente às lutas: antirracista, antifascista e anticapitalista. Este é o papel do intelectual radical ou dos teóricos-ativistas como nós do *Coletivo 28 de Maio* o vemos. Isso porque entendemos que a *militância* ainda guarda muitas relações com o sentido do militar e do militarismo, que remete a militares, a formas de agenciamento verticais de construção coletiva da ação política. Por sua vez, o *ativismo*, pelo menos assim o entendemos, é necessariamente horizontal, muitas vezes transversal, em suas formas de agenciamento coletivo da ação política. Exemplificamos: a militância com um Partido Político, um Sindicato de Classe, um Diretório Central de Estudantes de uma Universidade. Tratam-se de instituições verticalizadas. Enquanto uma Coletiva de um grupo feminista negro ou um grupo de ação ambientalista, ou ainda Coletivo de arte pública primará por sua horizontalidade. É neste sentido que surge e atua o *Coletivo 28 de Maio*. E é justamente a partir desses procedimentos e das práticas de um teórico-ativista que quero falar algumas poucas coisas sobre Foucault, biopolítica, racismo e negridade.

* * *

De fato, Foucault foi um homem branco, gay e francês. Sim, mas é possível pensar com Michel Foucault práticas de pensamento/ação antirracistas? Isto é, a partir de sua caixa de ferramentas, como, por exemplo, a noção de biopolítica, pode servir ao ativismo minoritário enquanto arma de autodefesa ao racismo sistêmico que assola na Sociedade Brasileira?

Foucault foi peremptório ao apontar que o Holocausto foi a maior máquina de destruição em massa produzida na vida moderna, a qual pode-se

⁸Vasconcellos e Pimentel (2017).

vislumbrar todo o horror de uma máquina de morte. Nunca houve qualquer contestação de que o Holocausto foi um dos maiores flagelos pelo qual a humanidade passou em toda a sua História, e que combater o nazi-fascismo é tarefa de todas, todas e todes em nossa Sociedade, hoje e sempre. Nunca houve um desabono por parte do pensamento negro contemporâneo em relação a esta assertiva: **o nazi-fascismo foi uma das maiores máquinas de matar da humanidade e, como tal, deve ser combatido**, justamente, como já o falamos. O que foi questionado por vários pensadores e pensadoras pretas e *pretas* é o porquê do silêncio, não só de Foucault, mas também o de Giorgio Agamben (2002), quando ao pensarem o conceito de biopolítica silenciaram em relação ao Tráfico Atlântico e ao extermínio dos negros escravizados pela *Platation*. Qual o porquê desse silêncio? Não pretendo propriamente responder a essa pergunta por Foucault, que já não está entre nós, nem por Agamben, mas podemos levantar questões a partir de um agenciamento com uma filósofa brasileira, para que, assim, alguns elementos constitutivos do conceito de biopolítica nos ajude a pensar.

A filósofa negra-brasileira, que por muitos anos foi radicada nos Estados Unidos, Denise Ferreira da Silva⁹, apresenta em seu fenomenal trabalho de pesquisa e ação filosófica uma hipótese em relação à Modernidade: o Tráfico Atlântico foi um projeto da Modernidade, ela, a *Platation*, foi condição não só necessária, mas também, suficiente para a edificação da Modernidade, além de ser sua própria pré-condição. Dito de outro modo, sem a Escravidão não haveria Capitalismo. A tese de Denise Ferreira da Silva avança ao debate filosófico, mostrando como constituirmos no enfrentamento ao problema da representação no pensamento moderno a uma analítica da racialidade. Ou, formulando de outro modo: como potencializarmos de modo coletivo e radicalmente político a potência disruptiva e insurrecta da negridade ao racismo sistêmico em nossa Atualidade? Para tal empreitada, ela nos propõe, com sua obra de pensamento e com suas práticas artísticas, ferramentas teóricas e sensíveis que se transformam a um só tempo em armas de investigação acadêmica e em uma usina conceitual libertária. Denise Ferreira da Silva, com seus conceitos-críticos de *separabilidade* (Descartes), *determinabilidade* (Kant), *sequencialidade* (Hegel) e *mundo ordenado* ao pensamento moderno, assim como, seus conceitos-clínicos, por exemplo, aqueles designados de *mundo implicado* e *imaginação radical negra* destinados ao pensamento futuro, são ferramentas ao enfrentamento teórico-prático da questão racial. Esta é uma

⁹ Recomendo dois títulos da pensadora: 1. Silva (2019) e 2. Silva (2022).

das possibilidades de pensarmos a biopolítica em nossa Atualidade, com Denise Ferreira da Silva.

Denise é carioca, criada na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro. Entendeu, por sua trajetória de mulher negra suburbana, que questões ligadas à racialidade devem estar na ordem do dia para pensarmos um projeto de sociedade. E, como tal, não há como um/uma intelectual negro ou indígena ou trans não levar este marcador para pensar filosoficamente sua condição e a condição dos seus. Voltamos, então, agora com Denise Ferreira da Silva à questão da Trajetória.

É preciso que continuemos a ler Foucault. É preciso que leiamos Foucault a partir de uma chave que seja radicalmente antirracista, afinal... Hegel ignorou a Revolução Haitiana.

Obrigado!

REFERÊNCIAS

- Agamben, G. (2002). *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais.
- Bourdieu, P. (2006). A ilusão biográfica. In J. P. A. Baptista, & M. M. Ferreira (Orgs.), *Usos e abusos da História Oral* (pp 183-191). Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.
- Castelo Branco, G. (2020) *Michel Foucault: biopolítica e estética da existência*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Deleuze, G. (1992). *Conversações*. Rio de Janeiro: 34.
- Foucault, M. (1982). Os intelectuais e o poder. In R. Machado (Org.), *Microfísica do poder* (3a ed.). Rio de Janeiro: Graal.
- Gramsci, A. (1982). *Os intelectuais e a organização da cultura* (4a ed., C. N. N. Coutinho, Trad.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Guattari, F. (1985). *Revolução molecular: pulsações políticas do desejo* (2a ed.). São Paulo: Brasiliense.
- Nêgo Bispo, A. (2019). *Colonização, quilombos: modos e significações* (2a ed. rev. Amp.). Brasília: Ayo.
- Silva, D. F. (2019). *A dívida impagável*. São Paulo: A Casa do Povo. Recuperado em 09 de janeiro de 2023 de <https://casadopovo.org.br/wp-content/uploads/2020/01/a-divida-impagavel.pdf>
- Silva, D. F. (2022). *Homo modernus: para uma ideia global de raça*. Rio de Janeiro: Cobogó.
- Vasconcellos, J., & Pimentel, M. (2017). O que é uma ação estético-política? Um contramanifesto. *Revista Vazantes*, 1(1), 192-200.